

## **COSTRUIRE IL PENSIERO SCIENTIFICO IN MUSEO. SPUNTI E RIFLESSIONI SULL'EDUCAZIONE SCIENTIFICA NEI MUSEI DELLE SCIENZE.**

FALCHETTI, Elisabetta (Org.) *Costruire il pensiero científico in Museo. Spunti e riflessioni sull'educação científica nei musei delle scienze.* *Museologia científica*, Roma, n. 1, dez. 2007.

Nilson Moulin\*

As imagens imaginadas são antes sublimação dos arquétipos do que reprodução da realidade. (BACHELARD, 1991)

Num país em que as variantes de trabalho escravo são cifradas em dúzias, suas vítimas em dezenas de milhares (mais um caso de sub-notificação?), qual o sentido de resenhar uma publicação estrangeira sobre *Museus de Ciências*?

No que me concerne, é a ilusão de que, por meio de trocas culturais e educação com mais qualidade, até o Brasil pode ainda mudar para algo menos pior...

A propósito, um registro alvissareiro: entre nós, uma recente exposição sobre genômica recebeu um público maior do que o previsto. O interesse despertado pela mostra sobre Darwin (Rio e São Paulo), em 2007, não era fogo de palha.

*Costruire il pensiero científico in Museo. Spunti e riflessioni sull'educação científica nei musei delle scienze.*

Tópicos e reflexões sobre a educação científica nos museus de ciências: este subtítulo capta a abrangência dessa publicação organizada por Elisabetta Falchetti, atuante no Museo Civico di Zoologia di Roma.

Para docentes brasileiros e também para outros profissionais que atuam na vertente educação/cultura, as questões ali levantadas se incluem no âmbito da **DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA**.

Na bibliografia do precioso volume, variada e pertinente, encontramos um texto da UNESCO que nos fala bem de perto. Trata-se de *Conceitos-chave para a qualidade da educação rumo ao desenvolvimento sustentável, Década 2005-2014 das Nações Unidas*.

Não é necessário atuar na área de museologia para conhecer as publicações do ICOMOS / UNESCO. Contudo, sendo editadas para profissionais e educadores do mundo inteiro, poderiam circular mais no Brasil.

\* Tradutor de literatura italiana. Escreve livros de Educação Ambiental e, neste campo, fez formação de multiplicadores (Moçambique - UNESCO; Amapá).

\* E-mail: nilsonmoulin@uol.com.br

De qualquer modo, seja por meio da web ou de publicações impressas, seja graças aos cursos e estágios de profissionais brasileiros no exterior, ali encontramos muitas questões que nos resultam familiares.

Com data de dezembro 2007, o periódico italiano traz a chancela da Associação Nacional de Museus Científicos, Hortos Botânicos, Jardins Zoológicos e Aquários. Chegaremos lá?

Na primeira parte, vamos encontrar “Os museus científicos, o panorama sociocultural e a educação para o futuro”. Na segunda, “O que pensa o público?” e, na terceira, “Construir o pensamento científico em museus”.

Muito importante para quem lê é a informação de que a maioria dos autores incluídos nesse volume, com práticas variadíssimas, possui formação em pedagogia.

Assim, não surpreende não encontrar nenhum ranço das concepções e práticas elitistas todavia presentes em certos museus de arte no Brasil. Espaços museológicos concebidos como “centros de aprendizagem” (polimorfos) fazem parte do cotidiano europeu há mais de um século. Aqui, somamos poucas décadas em tal perspectiva. E a dessacralização dos acervos, da própria idéia de “templo das Musas” e mesmo do acesso aos prédios, é uma batalha política ainda em curso.

Em nossa sociedade “em transição”, estaria ocorrendo uma outra revolução museológica? A pergunta feita por profissionais italianos não é mera retórica e tem muitos pontos de convergência com o Brasil destes anos. Os europeus desfrutam de uma poderosa vantagem sobre nós: concluída a unificação monetária, os participantes da União Européia, aos trancos e barrancos, tratam agora de unificar o que for possível em educação (Tratado de Bolonha já em vigor) e cultura.

Porém, os erros e acertos em outras latitudes, podem nos servir de alerta e ajudarnos a antecipar determinadas escolhas filosóficas, políticas e orçamentárias.

Vamos destacar algumas temáticas, muito bem equacionadas no volume em tela, e que, *mutatis mutantis*, entraram na pauta brasileira no início dos anos 1990.

Básico: convencer professores, pais e estudantes de que qualquer museu (e os de ciência em particular) de fato fornece “instrumento de leitura diverso” para consolidar formas de pensamento mais complexas e coerentes. Evidente que existem, lá como cá, posições diversas, tantas vezes antagônicas. E justamente dos antagonismos surgem as mudanças.

Uma das mais importantes diz respeito às representações sociais. Passando das teorias às práticas (em escolas e museus) alguns comportamentos mudaram para melhor. As novas tecnologias avançam muito rápido e nossas respostas nem tanto. Porém, com as desconstruções teóricas em curso, e as polêmicas ao seu redor, o que antes

podia passar por ingenuidade ou desconhecimento, agora é crime. Hoje, temos excesso de informação e não faltam sequer instrumentos para checar o que vale a pena arquivar e o que é para jogar fora de imediato.

Reconforta constatar, também na Itália, outra mudança notável: as relações com o público. Enfim os “sábios” desceram (ou começam a descer) de seus pedestais. Para além das restrições e mesquinhas de governos (nacionais, regionais e locais), a interação direta com os visitantes tornou-se um dos eixos para programar as temporadas. E também para reinventar acervos outrora estáticos. As diferentes linguagens em presença, reciprocamente renovadas, provocam boas surpresas e até alegrias. Que mais vamos desejar?

Contra a ditadura dos funcionários e “guardiões dos tesouros” (antes) e dos curadores globalizados (just now), os frequentadores de museus e até os “olheiros” de mostras itinerantes passam a ser ouvidos. Finalmente, suas críticas são tomadas em consideração. As demandas do morador do bairro e do município vem rompendo fortalezas e obstáculos consolidados.

As entrevistas orais e os questionários impressos se tornaram mais inteligentes. Aqueles que os respondem têm de assinalar “nível de escolaridade” sem que isso implique exclusão a priori. Sim, se não chega a ser uma revolução, talvez seja uma mudança que pode nos beneficiar a todos, e não só no interior dos museus de ciências e afins. E, inclusive, abaixo do Equador.

## **Referência**

BACHELARD, G. A. A terra e os devaneios da vontade: ensaio sobre a imaginação das forças. São Paulo: Martins Fontes, 1991.